

Iniciação na Grécia - Parte 2

Pitágoras

1. Pitágoras (570-495 a.C.)

1.1. Histórico e contexto

GI: A alma de Orfeu atravessara como um divino meteoro o céu tempestuoso da Grécia nascente. Com o seu desaparecimento, as trevas a invadiram de novo. Após uma série de revoluções, os tiranos da Trácia queimaram seus livros, derrubaram seus templos, expulsaram seus discípulos. Os reis gregos e muitas cidades, mais preocupados com a liberdade desenfreada do que com a justiça que decorre das puras doutrinas, imitaram-nos. Quiseram apagar a lembrança do profeta, destruir seus últimos vestígios, e o fizeram tão bem que, alguns séculos depois de sua morte, uma parte da Grécia duvidava de sua existência.

GI: O nível intelectual e moral dos templos decaía. Os sacerdotes se vendiam aos poderes políticos. Os próprios Mistérios começaram a se corromper. O aspecto geral da Grécia havia mudado. À antiga realza sacerdotal e agrícola sucediam, aqui, a tirania pura e simples, ali, a aristocracia militar, lá ainda, a democracia anárquica. Os templos tornaram-se impotentes para prevenir a dissolução ameaçadora.

GI: A Pítia de Delfos, consultada durante uma viagem, pelos jovens recém-casados, prometera-lhes “um filho que seria útil a todos os homens, em todos os tempos”

GI: O menino nasceu; quando completou um ano, sua mãe, atendendo ao conselho dos sacerdotes de Delfos, levou-o ao templo de Adonai, num vale do Líbano. Lá, o pontífice o abençoou. Depois a família voltou a Samos (Ilha próxima à Turquia).

GI: Longe de contrariá-lo, seus pais encorajavam sua inclinação precoce para o estudo da sabedoria. Assim, ele pôde livremente conferenciar com os sacerdotes de Samos e com os sábios que começavam a fundar, na Jônia, escolas onde ensinavam os princípios da Física.

Aqueles mestres não o satisfaziam, pois havia contradições que não se reconciliavam, e Pitágoras meditava intensamente, quando tem uma visão.

GI: E, numa visão grandiosa, Pitágoras viu os mundos se moverem segundo o ritmo e a harmonia dos números sagrados. Viu o equilíbrio da Terra e do céu, mantido pela liberdade humana. Os três mundos, natural, humano e divino, se sustentam, determinando-se reciprocamente e representando o drama universal por meio de um duplo movimento, descendente e ascendente.(...) Concebeu, enfim, a purificação e a liberação do homem, já nesta Terra, pela tríplice iniciação. Viu tudo isto, sua vida e sua obra, numa iluminação instantânea e clara, com a certeza irrecusável do espírito que se sente diante da Verdade. Foi um relâmpago.

1.1. Iniciação : “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo dos Deuses⁷.”

GI: Ele sabia, por antecipação, que somente chegaria ao conhecimento pelo total domínio da vontade em todo o seu ser. Sua iniciação durou vinte e dois anos, sob o pontificado do grande sacerdote de Sonchis.

GI: Pitágoras atravessou todas as fases que permitiam realizar, não como uma vã teoria, mas como um elemento vivo, a doutrina do Verbo-Luz ou da Palavra universal e da evolução humana através dos sete ciclos planetários.

⁷ BE, 301: (...) Quanto à palavra DEUSES, já dissemos, significa anjos, espíritos ou almas.(...)

Lembrou das palavras do sacerdote de Adonai, repetidas pela sua mãe:

GI: “Mulher de Jônia, teu filho será grande pela sabedoria; mas lembra-te que, se os gregos possuem ainda a ciência dos Deuses, a ciência de Deus só se encontra no Egito”

GI: Foi lá que pôde se aprofundar na matemática sagrada, a ciência dos números ou dos princípios universais, da qual ele fez o centro de seu sistema, formulando-a de uma maneira nova.

GI: Foi, pois, no Egito, que Pitágoras adquiriu a visão elevada que permite perceber as esferas da vida e as ciências em uma ordem concêntrica, compreender a involução do espírito na matéria pela criação universal e sua evolução ou subida para a unidade por aquela criação individual que se chama o desenvolvimento de uma consciência.

Quando Pitágoras iria retornar à Grécia, o Egito é invadido por Cambises da Babilônia, que saqueia os templos de Mênfis, Tebas e destrói o de Âmon.

GI: Cambises mandou Pitágoras à Babilônia, com uma parte do sacerdócio egípcio e ali o manteve confinado

GI: Devido a essa série de acontecimentos anteriores, no momento em que Pitágoras ali chegou, três religiões diferentes conviviam no alto do sacerdócio de Babilônia; os antigos padres caldeus, os sobreviventes do magismo persa e a elite do cativo judaico.

GI: Pitágoras teve de alargar seus horizontes, já tão vastos, estudando todas aquelas doutrinas, religiões e cultos, cuja síntese alguns iniciados ainda conservavam.

GI: Já era tempo de voltar à Grécia, para lá cumprir sua missão, começar sua obra. Pitágoras estivera confinado na Babilônia durante doze anos. Para sair de lá era preciso uma ordem do rei dos persas. Um compatriota, Demócetes, médico do rei, intercedeu a seu favor e obteve a liberdade do filósofo.

GI: Pitágoras voltou então para Samos, após trinta e quatro anos de ausência. Encontrou sua pátria esmagada sob o domínio de um sátrapa do grande rei. Escolas e templos estavam fechados; poetas e sábios tinham fugido, como um bando de andorinhas diante do cesarismo persa.

GI: Agora sobre as ondas azuladas das Cícladas um barco veloz levava mãe (Partênis) e filho para um novo exílio. Com todos os seus haveres, eles fugiam de Samos, oprimida e perdida. Iam para a Grécia.

1.2. Templo de Delfos: a ciência de Apolo e a Pítia.

GI: Numa palavra, para o iniciado, Dionísio significava nada menos do que o espírito divino em evolução no Universo; e Apolo, sua manifestação ao homem terrestre.

GI: Apolo, matador da serpente, é o símbolo do iniciado que traspasa a natureza com a ciência, domina-a com sua vontade e, rompendo o círculo fatídico da carne, eleva-se no esplendor do espírito, enquanto os destroços da animalidade humana se contorcem na areia. Eis por que Apolo é o mestre das expiações, das purificações da alma e do corpo. Salpicado com o sangue do monstro, ele expiou, purificou-se num exílio de oito anos, sob os loureiros amargos e salubres do vale de Tempe.

GI: A adivinhação, tal como exercida em Delfos, estava fundada nos princípios que acabamos de expor, e a organização interior do templo também correspondia a eles. Como nos grandes templos do Egito, compunha-se de uma arte e de uma ciência. A arte consistia em penetrar o longínquo, o passado e o futuro, pela clarividência ou pelo êxtase profético; as ciências, em calcular o futuro segundo as leis da evolução universal. Arte e ciência controlavam-se reciprocamente.

GI: Sabe-se que esta se exercia em Delfos por intermédio de mulheres jovens e velhas, chamadas pítias ou pitonisas, que desempenhavam papel passivo, de sonâmbulas clarividentes.

GI: A arte divinatória definhava e Pitágoras queria devolver-lhe sua profundidade, força e prestígio.

GI: Desde o nascer do sol, Pitágoras mantinha longas conversas com os sacerdotes de Apolo, chamados santos e profetas. Ele pediu que a jovem sacerdotisa (Teocléia) ali fosse admitida, a fim de iniciá-la em seu ensinamento secreto e prepará-la para desempenhar sua missão.

Pitágoras inicia os sacerdotes do Templo de Delfos e Teocléia na doutrina que aprendeu no Egito e na Babilônia e os prepara para a missão.

GI: Sim, esse ciclone que aumentava devia um dia eclodir sobre a Grécia, tão seguramente quanto o raio deve sair de uma nuvem que se condensa no ar. A Grécia dividida estaria preparada para resistir a esse choque terrível?

GI: Cabe a vós retardar a hora fatal, cabe a vós fazer brilhar a Grécia, cabe a vós fazer resplandecer nela o verbo de Apolo. Os povos são o que deles fazem os seus Deuses. Mas os Deuses só se revelam àqueles que os invocam. O que é Apolo? O Verbo do Deus único que se manifesta eternamente no mundo.

GI: Foi com discursos semelhantes que Pitágoras conseguiu devolver aos sacerdotes de Delfos a consciência de sua missão. Teocléia absorvia-os com uma paixão silenciosa e concentrada. Transformava-se a olhos vistos, sob a influência do pensamento e da vontade do mestre, como sob um lento encantamento.

Certo dia, Teocléia tem uma grande visão.

GI: – Grandes guerras... homens de bronze... brancas vitórias... Apolo volta para habitar seu santuário e eu serei sua voz!... Mas, tu, seu mensageiro... Ai! Ai! tu vais deixar-me... e levarás sua luz para a Itália.

GI: O templo tinha agora uma pitonisa inspirada, sacerdotes iniciados nas ciências e nas artes divinas. Delfos poderia transformar-se num centro de vida e de ação.

GI: Pitágoras permaneceu ali um ano inteiro. Foi só depois de ter instruído os sacerdotes em todos os segredos de sua doutrina e de ter formado Teocléia para o seu ministério que ele partiu para a Magna Grécia.

1.3. Crotona: a Ordem e a Doutrina

GI: Seu fim não era unicamente ensinar a doutrina esotérica a um círculo de discípulos escolhidos, mas ainda aplicar seus princípios à educação da juventude e à vida do Estado.

GI: Adivinhando a evolução das idéias, ele previa a queda do helenismo e sonhava em depositar no espírito humano os princípios de uma religião científica. Fundando sua escola no golfo de Tarento, disseminava as idéias esotéricas na Itália e conservava, no vaso precioso de sua doutrina, a essência purificada da sabedoria oriental para os povos do Ocidente.

GI: Quando conquistou para seu projeto os cidadãos mais ricos e a maioria do Senado, propôs-lhes a criação de um instituto, para si e seus discípulos. Essa confraria de iniciados leigos levaria vida comunitária, em um edifício construído especialmente com esse objetivo, mas sem abandonar a vida civil.

GI: Assim nasceu o instituto pitagórico, que se tornou ao mesmo tempo um colégio de educação, uma academia de ciências e uma pequena cidade-modelo, sob a direção de um grande iniciado.

Provas

GI: Imitavam as provas da iniciação egípcia, porém bastante suavizadas e adaptadas à natureza grega, cuja impressionabilidade não suportaria os pavores mortais das criptas de Mênfis e Tebas.

GI: Ele passava doze horas na cela. com sua ardósia e seu problema, sem nenhuma outra companhia além de pão seco e um jarro de água. Depois levavam-no para uma sala, diante dos noviços reunidos. Nessa circunstância, estes tinham ordem de escarnecer sem piedade do infeliz que, aborrecido e faminto, parecia um culpado.

GI: Aqueles que, ao contrário, suportavam com firmeza os ataques, que respondiam às provocações por meio de reflexões justas e espirituais, e declaravam estar dispostos a recomeçar cem vezes a prova para obterem uma única parcela da sabedoria, estes eram solenemente admitidos no noviciado e recebiam as felicitações entusiastas de seus novos condiscípulos.

*Primeiro Grau - Preparação*VOP⁸:

- 1 - Aos Deuses imortais o culto consagrado 2 - Rende;
e tua fé conserva. Prestigia
- 3 - Dos sublimes Heróis a imárcida lembrança
- 4 - E a memória eternal dos supernos⁹ Espíritos.

GI: Somente então começava o noviciado chamado Preparação (paraskéié), que durava pelo menos dois anos e podia prolongar-se até cinco.

GI: Os noviços ou ouvintes (akusikoi) eram submetidos, durante as lições, à regra do absoluto silêncio. Não tinham nem o direito de fazer uma objeção aos mestres, nem de discutir seus ensinamentos. Deviam recebê-los com respeito, e depois meditar longamente sobre eles.

GI: Os noviços eram convidados a se reunirem dois a dois conforme suas afinidades. O mais jovem devia procurar no mais velho as virtudes que desejava para si e os dois companheiros deviam exercitar-se para uma vida melhor.

GI: Dizia o mestre: "O amigo é um outro eu. Deve-se honrá-lo como a um Deus". Oração ao Espírito Santo: Amizade para os que sentem vontade de praticar a Bondade.

GI: Se a regra pitagórica impunha ao noviço ouvinte uma submissão absoluta em face dos mestres, devolvia-lhe sua plena liberdade no encanto da amizade, dela fazendo o estimulante de todas as virtudes, a poesia da vida, o caminho do ideal.

GI: As energias individuais eram assim despertadas; a moral tornava-se viva e poética; a regra, aceita com amor, deixava de ser uma violência e tornava-se a própria afirmação da individualidade.

VOP: 1 - Aos Deuses imortais o culto consagrado

GI: Comentando-se esta máxima, mostrava-se que os Deuses, diversos na aparência, eram na realidade os mesmos entre todos os povos, pois correspondiam às mesmas forças intelectuais e anímicas, atuantes em todo o Universo.(...) Tolerância para com todos os cultos; unidade dos povos na humanidade; unidade das religiões na ciência esotérica.

Providência

GI: No culto dos heróis e dos semideuses, o iniciado contemplava a doutrina da vida futura e o mistério da evolução universal. Não se revelava este grande segredo ao noviço. Mas ele era preparado para compreendê-lo, ouvindo falar de uma hierarquia de seres superiores à humanidade, chamados heróis e semideuses, que são seus guias e seus protetores.

GI: Acrescentava-se que eles serviam de intermediários entre o homem e a divindade, que por meio deles ele poderia, gradativamente, se aproximar dela, praticando as virtudes heróicas e divinas.

GI: À purificação da alma correspondia necessariamente a do corpo, alcançada pela higiene e pela severa disciplina dos costumes. Vencer as paixões era o primeiro dever do iniciado.

GI: Entretanto, o ideal da vida pitagórica nada tinha da vida ascética, uma vez que o casamento era considerado uma coisa santa. Porém recomendava-se a castidade aos noviços e a moderação aos iniciados, como um elemento de força e perfeição. "Não cedas à volúpia senão quando consentires em ser inferior a ti mesmo", dizia o mestre

⁸ Versos de Ouro de Pitágoras (Tradução do texto francês de Fabre d'Olivet, por Dario Vellozo)

⁹ Dicionário Caldas Aulete: adv. || superior, muito elevado, alto: Voa sem confusão, desde o superno empíreo, à vária terra, ao negro inferno. (Castilho.) || (Fig.) Excelente, soberano. F. lat. Supernus.

VOP: 2 - Rende; e tua fé conserva. Prestigia**3 - Dos sublimes Heróis a imárcida lembrança****4 - E a memória eternal dos supernos Espíritos.**

GI: O ano se ritmava segundo as grandes festas astronômicas. Assim a volta de Apolo hiperbóreo e a celebração dos mistérios de Ceres reuniam os noviços e os iniciados de todos os graus, homens e mulheres. Viam-se ali moças tocando liras de marfim, mulheres casadas em peplos púrpura e açafão executando coros alternados, acompanhados de cantos, com movimentos harmoniosos da estrofe e da ante-estrofe, que mais tarde foram imitados pela tragédia.

Segundo Grau - Purificação

GI: O noviço entrava primeiro em contatos seguidos e diretos com o mestre. Penetrava no pátio interno de sua habitação, reservado a seus fiéis. Daí o nome de esotéricos (os de dentro) oposto ao de exotéricos (os de fora). A verdadeira iniciação começava.

GI: Essa revelação consistia numa exposição completa e racional da doutrina oculta, desde seus princípios contidos na ciência misteriosa dos números até às últimas conseqüências da evolução universal, os destinos e os fins supremos da divina Psiquê, da alma humana.

GI: Nela, o número não era considerado uma quantidade abstrata, mas a virtude intrínseca e ativa do uno supremo, de Deus, fonte da harmonia universal. A ciência dos números era a das forças vivas, das faculdades divinas em ação nos mundos e no homem, no macrocosmo e no microcosmo...

GI: Ela só será a ciência de Deus se mostrar a unidade e o encadeamento das ciências da natureza.

GI: Ora, era justamente esta a função que desempenhava nos templos egípcios a ciência do verbo sagrado, formulada e aperfeiçoada por Pitágoras, sob o nome de ciência dos números. Ela acreditava poder fornecer a chave do ser, da ciência e da vida.

Deus

GI: Pitágoras denominava o Uno primeiro, composto de harmonia, o Fogo masculino que atravessa tudo, o Espírito que se move por si, o Indivisível e o grande Não-Manifesto, cujos mundos efêmeros manifestam o pensamento criador, o único, o Eterno, o Imutável, oculto sob as coisas múltiplas que passam e que mudam.

GI: Ele é semelhante a um fogo invisível colocado no centro do Universo, cuja chama ágil circula em todos os mundos e movimentada a circunferência.

GI: Acrescentava que a obra da iniciação consistia em aproximar-se do grande Ser, assemelhando-se a ele, tornando-se tão perfeito quanto possível, dominando as coisas pela inteligência, chegando a ser ativo como ele e não passivo como elas.

GI: Portanto, Deus, a substância indivisível, tem por número a **Unidade** que contém o Infinito, por nome o de Pai, de Criador ou de Eterno-Masculino, por sinal o Fogo vivo, símbolo do Espírito, essência do Todo. Eis o primeiro dos princípios.

GI: No momento em que se manifesta, Deus é duplo, essência indivisível e substância divisível; princípio masculino ativo, animador, e princípio feminino passivo ou matéria plástica animada. A **Díada** representava, pois, a união do Eterno-Masculino e do Eterno-Feminino em Deus, as duas faculdades divinas essenciais e correspondentes. Orfeu exprimira profeticamente essa idéia no seguinte verso: Júpiter é o Esposo e a Esposa divina.

GI: E esta Natureza viva, eterna, esta grande Esposa de Deus, não é somente a natureza terrestre, mas a natureza celeste invisível a nossos olhos carnis, a Alma do mundo, a Luz primordial, alternadamente Maia, Ísis. e Cibele, que, vibrando sob o impulso divino, encerra as essências de todas as almas, os tipos espirituais de todos os seres.

GI: Ora, o mundo real é tríplice. Porque, assim como o homem se compõe de três elementos distintos, mas fundidos um no outro: o corpo, a alma e o espírito, assim também o Universo é dividido em três esferas concêntricas: o mundo natural, o mundo humano e o mundo divino.

GI: A **Tríada** ou lei do ternário é, portanto, a lei constitutiva das coisas e a verdadeira chave da vida, pois ela se acha em todos os graus da escada da vida, desde a constituição da célula orgânica, através da constituição fisiológica do corpo animal, do funcionamento do sistema sangüíneo e do sistema cerebrospinal, até a constituição hiperfísica do homem, a do universo e de Deus.

BE, 177: *“A verdadeira iniciação era, pois, alguma coisa bem diferente de um sonho vazio, e bem mais que um simples ensino científico - era a criação de uma alma por si mesma, a sua eclosão em um plano superior, a sua eflorescência em um mundo divino.” - G. I.*

Jesus, o Iniciador Terrestre, afirmou eternamente perante a Humanidade, o fato de cada filho de Deus ter dentro de si mesmo o Reino do Céu. Esta verdade, proclamada pelo Senhor Planetário, é a Síntese de todas as Revelações.

E se bem quisermos saber, ninguém jamais atingirá os Céus Exteriores, que se encontram distantes dos Mundos Físicos, sem ser pelo desabrochar do Reino do Céu Interior. Este vale como ficha de entrada, porque a Lei de Equidade Vibratória rege a vida dos espíritos. É o mesmo que a Lei do Peso Específico, aquela que traslada o ser para o seu justo lugar, sem lhe perguntar coisa alguma.

Convém lembrar mais uma vez - “Ninguém jamais poderá discutir com a Justiça Divina.” E a libertação virá, portanto, como consequência da harmonização.

GI: Pitágoras admitia que o espírito do homem ou do intelecto conserva de Deus sua natureza imortal, invisível, absolutamente ativa: o espírito é aquilo que se move por si mesmo. Ele considera o corpo sua parte mortal, divisível e passiva. Pensava que aquilo que chamamos alma está estreitamente unido ao espírito, formado porém de um terceiro elemento intermediário que provém do fluido cósmico.

GI: A alma se assemelha, portanto, a um corpo etéreo que o espírito tece e constrói para si mesmo. Sem este corpo etéreo, o corpo material não poderia se manifestar e não passaria de uma massa inerte e sem vida.

EE¹⁰, XIX:

1 – Não existe matéria sólida que por si mesma o seja; ela deriva, como bastante já dissemos sobre o assunto, das gamas energéticas, etéricas e substanciais ou astrais, e, tudo isso nela continua a existir, para que possa ser.

2 – Os elementos, que servem de origem e sustentação da matéria sólida, se viessem a sair dela, fariam com que ela deixasse de ser, não apenas perder a condição de solidez.

(...)

4 – Com o corpo humano passa-se o mesmo; isto é, ele contém elementos substanciais ou astrais, éteres e energias, a Luz Divina como base das gamas e Deus, a Essência Divina, em função de Criadora Absoluta, Onipresente, Onisciente e Onipotente. Tudo, portanto, se dividindo intrinsecamente, quase que infinitamente, até chegar na Divindade ou Essência Divina.

¹⁰ Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas (Oswaldo Polidoro)

GI:

1. Visto através do instinto e do caleidoscópio dos sentidos, Deus é múltiplo e infinito como suas manifestações. Daí o politeísmo, onde o número dos deuses não é limitado;
2. Visto através da alma racional, Deus é duplo, isto é, espírito e matéria. Daí o dualismo de Zoroastro, dos maniqueus e de várias outras religiões;
3. Visto através do intelecto puro, ele é triplo, ou seja, espírito, alma e corpo, em todas as manifestações do universo. Daí os cultos trinitários da Índia (Brahma, Visnu, Siva) e a própria trindade do cristianismo (Pai, Filho, Espírito Santo);
4. Concebido pela vontade que resume o todo, Deus é único; é o monoteísmo hermético de Moisés em todo o seu rigor.

Resumo dos números (Tétrada Pitagórica) 1 - Deus

Único (Imanifesto)

2 - Espírito e Matéria (Deus e Luz Divina) 3 - Espírito,

Matéria Física e Matéria Sutil

4 - Múltiplas e infinitas manifestações de Deus

NTE, 225 :

“A Unidade é a lei de Deus. O Número é a lei do Universo. A Evolução é a lei da Vida.” - G. I.

Entrando em Pitágoras, seria possível deixar de entrar na mística dos números? Sendo certo que em Deus tudo é Lei e Justiça, logo se conclui que em Deus tudo começa no UM, desdobrando-se ao Infinito.

O UM é Deus Imanifesto e o Múltiplo é Deus Manifesto. Entre a Unidade e a Multiplicidade está tudo, porque essas palavras querem dizer Emanador e Emanação, o Todo e a Sua Manifestação.

Como todas as Iniciações tinham uma mesma Chave, temos aí o Estático e o Dinâmico, o Pai e os Filhos.

Terceiro Grau - Perfeição

GI: Mas a ciência dos números era apenas o preâmbulo da grande iniciação. Armado desses princípios, o discípulo iria agora descer das alturas do Absoluto para as profundezas da natureza, para lá colher o pensamento divino na formação das coisas e na evolução da alma através dos mundos.

GI: Assim, pelo menos, procedia Pitágoras, que considerava o Universo um ser vivo, animado por uma grande alma e penetrado por uma grande inteligência. A segunda parte de seu ensino começava, portanto, pela **cosmogonia**.

(estrutura dos céus)

GI: A região sublunar designa a esfera onde se exerce a atração terrestre e é chamada o círculo das gerações. Os iniciados entendiam que a Terra é para nós a região da vida corporal. Nela se dão todas as operações que acompanham a encarnação e a desencarnação das almas. A esfera dos seis planetas e do Sol corresponde às categorias ascendentes de espíritos. O Olimpo, concebido como uma esfera rolante, é chamado o céu dos inalteráveis, por ser assimilado à esfera das almas perfeitas.

(Matéria)

GI: O primeiro, sendo mais denso e mais pesado, é o mais refratário ao espírito; o último, sendo o mais refinado, apresenta com ele grande afinidade. A Terra representa o estado sólido; a água, o estado líquido; o ar, o estado gasoso; o fogo, o estado imponderável. O quinto elemento, o elemento etérico, representa um estado tão sutil e vivaz da matéria que não é mais atômico, e é dotado de penetração universal. É o fluido cósmico originário, a luz astral ou a alma do mundo.

EE: MATÉRIA OU COSMO - A Matéria é Essência Divina, Luz Divina, Energia, Éter, Substância, Gás, Vapor, Líquido, Sólido. Em qualquer nível de apresentação é ferramenta do espírito filho de Deus. (É muito infeliz quem não procura entender isso).

("a história celeste de Psiquê")

GI: O que é a alma humana? Uma parcela da grande alma do mundo, uma centelha do espírito divino, uma Mônada imortal. Mas, se seu possível futuro abre-se nos esplendores insondáveis da consciência divina, sua misteriosa eclosão remonta às origens da matéria organizada.

GI: Para tornar-se o que é na humanidade atual, foi preciso que ela atravessasse todos os reinos da natureza, toda a escala dos seres, desenvolvendo-se gradualmente por uma série de inumeráveis existências.

GI: O espírito que fermenta os mundos e condensa a matéria cósmica em massas enormes manifesta-se com intensidades diversas e uma concentração sempre maior nos reinos sucessivos da natureza. Força cega e indistinta no mineral, individualizada na planta, polarizada na sensibilidade e no instinto dos animais, ela tende para a Mônada consciente nessa lenta elaboração.

EE, XVII:

6 - Depois, lembra-te, nos milhões de anos, outras seis coroas se formaram, por adensamento da mesma Luz Divina, e foste atingindo planos muito mais elevados na escala biológica. Foste o habitante de corpos cada vez mais ricos em órgãos e membros, até chegar o dia em que deste entrada na espécie humana, como primata. As sete coroas energéticas estavam prontas a agir, com seus chacras e plexos, para que pudesses penetrar na fase das compreensões INTELECTO-MORAIS. Era a origem da fase humana, pois, daí para a frente, assim como tudo cresceu, no carro da alma ou perispírito, de dentro para fora, começou, então, a fase de diminuir de fora para dentro, pela iluminação, sublimação ou divinização.

GI: Quanto mais ascende na série dos organismos, mais a mônada desenvolve os princípios latentes que já possui. A força polarizada torna-se sensível; a sensibilidade torna-se instinto, e o instinto, inteligência.

DEC¹¹: Em média, entre o homem-padrão e o Grau Crístico há uma distância vibratória que é comparável àquela que há entre a larva e o homem-padrão. Nos filamentosos começa a individuação consciente e no homem da segunda meia-idade, ou entrada nela, começa a Consciência Crística propriamente dita. Desde a larva passa o espírito pelas fases de automatismo inconsciente, impulsos instintivos, semi-razão, razão e inspiração, vindo a penetrar na fase de inspiração-intuição na hora de passar para a segunda meia-idade. Tudo isso, entretanto, somando milênios e milênios, pois todas as transições são lentíssimas, porque virão suas marcas a serem impassáveis no espírito. A fase crística é aquela que da consciência adquirida e da inspiração, ou da ajuda exterior, marcha lentamente para a Plena Intuição, o Estado Crístico, a condição de Vazar Deus de dentro para fora, motivo por que se chama de Verbo Divino

GI: Segundo as tradições esotéricas da Índia e do Egito, os indivíduos que compõem a humanidade atual teriam começado sua existência humana em outros planetas, onde a matéria é muito menos densa do que no nosso.

Um planeta dispõe de todos os céus necessários para o espírito trilhar a sua caminhada evolutiva.

GI (Hermes): "Vês uma semente luminosa cair das regiões da via Láctea na sétima esfera? São germes de almas. Elas vivem como vapores leves na região de Saturno, felizes, sem preocupação, e desconhecem sua felicidade. Porém, ao cair de esfera em esfera, elas revestem-se de invólucros sempre mais pesados. Em cada encarnação, adquirem um novo sentido corporal, conforme o meio em que habitam. (...) à medida que penetram em corpos mais densos, elas perdem a lembrança de sua origem celeste."

¹¹Do Embrião ao Cristo: Folheto (Oswaldo Polidoro)

EE, XX, 122: (...) mas o que existe dito sobre a ORIGEM do espírito, como manifestação ou criação, e sobre as tramitações nas energias, nas nebulosas, nos mundos e reinos primitivos, para depois aflorar na espécie hominal, é nada em relação à realidade.

GI: Daí o homem pode voltar a subir penosamente os círculos em uma série de existências novas e recuperar seus sentidos espirituais, por meio do livre exercício do intelecto e da vontade. Somente então, dizem os discípulos de Hermes e de Orfeu, o homem adquire, por sua ação, a consciência e a posse do divino.

GI: Esse corpo astral, embora muito mais sutil e mais perfeito que o corpo terrestre, não é imortal. como a Mônada que ele contém. Muda, apura-se, de acordo com os meios que atravessa. O espírito molda-o, transforma-o perpetuamente à sua imagem, mas jamais o abandona. Se dele se despoja pouco a pouco, é para se revestir de substâncias mais etéreas.

BE, 234:

“Conforme as almas que reveste, conforme os mundos que envolve, esse fluido transforma-se, afina-se ou condensa-se.” - G. I.

Toda a Sabedoria Antiga ensinava muito sobre os fluidos. Da Luz Divina ao Éter, e do Éter aos estados de Vapor, Líquido e Sólido, ela sabia dizer que havia um elo, uma linha de trânsito, uma lei que favorecia a mutação dos estados.

E afirmava que o corpo astral ou carro da alma, tinha tudo relacionado com essa lei e esses fenômenos, tanto assim que começava opaco e grosseiro, devendo tornar-se todo Luz e Glória por evolução.

Pitágoras foi grande na observação de tais leis e fatos, naqueles dias recuados, longe da desintegração atômica, que prova as marchas de ida e volta da matéria, desses fenômenos de integração e desintegração que são comuns e contínuos na Ordem Cósmica.

GI: A lei da encarnação e da desencarnação revela-nos pois o verdadeiro sentido da vida e da morte. Constitui o núcleo essencial na evolução da alma, e nos permite acompanhá-la para trás e para frente, até o mais profundo da natureza e da divindade; pois essa lei nos revela o ritmo e a medida, a razão e o fim de sua imortalidade.

GI: A alternância das duas vidas é necessária ao desenvolvimento da alma, e cada uma das duas é ao mesmo tempo a conseqüência e a explicação da outra.

(Carma)

GI: As vidas sucedem-se e não se assemelham, mas encadeiam-se com uma lógica impiedosa. Se cada uma delas tem sua lei própria e seu destino especial, sua seqüência é regida por uma lei geral que se poderia chamar de repercussão das vidas. Segundo esta lei, as ações de uma vida repercutem fatalmente na seguinte.

GI: Uma vida criminosa engendra uma vida de expiação; uma vida imperfeita, uma vida de provas. Uma vida boa determina uma missão; uma vida superior, uma missão criadora.

GI: A alma inferior submete-se. A alma média escolhe entre aquelas que lhe são oferecidas. A alma superior, que se impõe uma missão, elege-a por devotamento.

GI: Mas, na rota ascendente do bem, que atravessa uma série considerável de encarnações, deve existir uma vida, um ano, um dia, uma hora talvez, em que a alma, alcançando a plena consciência do bem e do mal, pode elevar-se, por um derradeiro e supremo esforço, a uma altura tal que não terá mais de descer, iniciando o caminho dos pináculos. O mesmo acontece no caminho descendente do mal. Há um ponto do qual a alma perversa pode ainda voltar. Contudo, uma vez transposto esse ponto, a insensibilidade é definitiva.

EE, XVIII:

O espírito nunca perde a evolução feita, mas temporariamente perde a posição social, se cometer delitos e tiver que responder por eles.

EE, XIX:

10 – O espírito, a centelha, que, sendo então mais crescida ou evoluída, vier a cometer faltas, perderá temporariamente a posição social. Pagará os erros, para depois voltar à posição hierárquica anterior, de onde partirá, em novas oportunidades de trabalhos, na carne e fora dela, para a sua autocrificação.

GI: É lógico admitir que na cadeia planetária, isto é, nas evoluções sucessivas de nossa humanidade em outros planetas, suas encarnações se tornem de uma natureza cada vez mais etérea, o que as aproximará insensivelmente do estado puramente espiritual, daquela oitava esfera que está fora do círculo das gerações, e pela qual os antigos teósofos designavam o estado divino.

EE, XX:

229 – “Assim como a Terra sólida surgiu das energias condensadas, assim às energias retornará, mas em glórias e esplendores, carreando aqueles que se forem revelando dignos de lhe acompanhar a marcha progressiva”.

GI: Qual é pois o fim último do homem e da humanidade, segundo a doutrina esotérica? Após tantas vidas, mortes, renascimentos, calmarias e despertares pungentes, existirá um término para os labores de Psiquê?

GI: Sim, dizem os iniciados, quando a alma tiver definitivamente vencido a matéria; quando, desenvolvendo todas as suas faculdades espirituais, ela tiver encontrado em si mesma o princípio e o fim de todas as coisas. Então, não sendo mais necessária a encarnação, ela entrará no estado divino, mediante sua união completa com a inteligência divina.

(Sagrada Finalidade)

GI: A alma transformada em puro espírito não perde sua individualidade; completa-a, pois reúne-se a seu arquétipo em Deus. Ela se lembra de todas as existências anteriores, que lhe parecem outros tantos degraus para atingir o degrau máximo, de onde ela abrange e penetra o universo. Nesse estado, o homem não é mais homem, como dizia Pitágoras. É semideus; porque reflete em todo o seu ser a luz inefável, com a qual Deus preenche toda a imensidade. Para ele, saber é poder; amar é criar; ser é irradiar a verdade e a beleza.

Quarto Grau - Epifania

GI: Acabamos de atingir, com Pitágoras, o apogeu da iniciação antiga.(...) Porém a finalidade desse ensinamento não era absorver o homem na contemplação ou no êxtase.

GI: À iniciação da inteligência devia suceder à da vontade, a mais difícil de todas. Pois trata-se agora de o discípulo deixar a verdade descer no mais profundo de seu ser, de pô-la em prática durante a vida.

EE, XX:

130 – “Não discutamos, agora, a ORIGEM do espírito e sua caminhada pelos reinos inferiores; vamos encarar de frente estes fatores básicos à edificação: VONTADE, RELATIVO LIVRE ARBITRÍO, AÇÃO E RESPONSABILIDADE. Porque ninguém jamais atingirá o Grau Crístico, ou de UNIDADE VIBRATÓRIA COM O PAI DIVINO, sem ter que conhecer e trabalhar no seio dessa realidade. O mais importante não é olhar para baixo ou conhecer o mecanismo da ORIGEM, do PROCESSO EVOLUTIVO e da SAGRADA FINALIDADE; o mais importante é viver de acordo com o grau já atingido, para facilitar a subida até aos graus superiores. Façamos a nossa parte, porque a de Deus Ele mesmo é quem cuida, sem perguntar pelos nossos conceitos ou preconceitos”.

GI: Para atingir este ideal, era preciso, segundo Pitágoras, reunir três perfeições: realizar a verdade na inteligência, a virtude na alma, a pureza no corpo.

GI: No quarto grau da iniciação, Pitágoras se contentava, pois, em ensinar a seus fiéis as aplicações de sua doutrina à vida. Porque a Epifania, a visão do alto, dava um conjunto de visões profundas e gerais sobre as coisas terrestres.

GI: Todas as nuances de sofrimentos físicos ou morais, de felicidade e de infelicidade, em suas inúmeras variedades, aparecerão como eflorescências naturais e sabiamente graduais dos instintos e das ações, das faltas e das virtudes de um longo passado, pois a alma conserva em suas profundezas ocultas tudo o que ela acumula em suas diversas existências.

GI: Longe de enfraquecer o sentimento de fraternidade e de solidariedade humana, essa doutrina só pode fortalecê-lo. Devemos a todos ajuda, simpatia e caridade, pois somos todos da mesma raça, embora em graus diversos.

GI: Assim, o ensinamento de Pitágoras, que começara nas profundezas do Absoluto pela trindade divina, terminava no centro da vida pela trindade humana. No Pai, na Mãe e no Filho o iniciado sabia reconhecer agora o Espírito, a Alma e o Coração do Universo vivo.

GI: Esta última iniciação constituía para ele o fundamento da obra social concebida à altura e em toda a beleza do ideal, edifício para o qual cada iniciado devia trazer sua pedra.

1.4. A família de Pitágoras, a escola e seu destino

GI: Entre as mulheres que seguiam o ensinamento do mestre, havia uma jovem de grande beleza. Seu pai, natural de Crotona, chamava-se Brontinos; ela, Teano. Pitágoras aproximava-se então dos sessenta anos.

GI: Como muitos dos grandes adeptos, (Pitágoras) tinha renunciado à mulher para entregar-se todo à sua obra.

Teano se apaixonou por Pitágoras e suplica ao mestre que a livre dessa paixão, sem revelar por quem estava apaixonada. Depois de certa relutância, Teano revela que Pitágoras era o alvo de seu afeto e cai ajoelhada.

GI: (Pitágoras) ele tinha encontrado sua companheira e entrevisto uma realização mais completa de sua obra. Pitágoras fez a jovem levantar-se com um gesto comovido, e Teano pôde ver nos olhos do mestre que seus destinos estavam para sempre unidos.

GI: Por seu casamento com Teano, Pitágoras apôs o selo da realização à sua obra.

GI: Teano penetrou tão completamente no pensamento de seu marido que, após sua morte, ela tornou-se o centro da ordem pitagórica, e é citada por um autor grego como autorizada na doutrina dos Números. Ela deu a Pitágoras dois filhos: Arimneste e Telauges, e uma filha: Damo. A família de Pitágoras foi para a ordem um verdadeiro modelo.

GI: Pitágoras viveu trinta anos em Crotona.

GI: Pitágoras era um reformador em toda a acepção da palavra.

GI: Aceitando a constituição dórica, ele procurou simplesmente introduzir nela uma nova organização. A idéia era ousada: criar, acima do poder político, um poder científico, com voz deliberativa e consultiva nas questões vitais, tornando-se a chave do poder, o regulador supremo do Estado. Acima do conselho dos mil, ele organizou o conselho dos trezentos, escolhidos pelo primeiro mas recrutados só entre os iniciados.

GI: O que ele realizou por um momento passou a ser o sonho de todos os iniciados que se ocuparam de política: introduzir o princípio da iniciação e do exame do governo do Estado, e reconciliar, nesta síntese superior, o princípio eletivo ou democrático com um governo constituído pela seleção dos inteligentes e virtuosos. O conselho dos trezentos formou, então, uma espécie de ordem política, científica e religiosa, da qual Pitágoras era o chefe reconhecido.

GI: Essas sociedades ou hetairias estenderam-se de Crotona, onde se achava a sociedade-mãe, até quase todas as cidades da Magna-Grécia, exercendo uma poderosa ação política. A ordem pitagórica

tendia também a tornar-se a cabeça do Estado em toda a Itália meridional. Tinha ramificações em Tarento, Heracléia, Metaponto, Regium, Himero, Catânia, Agrigento, Síbaris e, segundo Aristóxene, até entre os etruscos.

GI: A influência soberana de um grande espírito e de um grande caráter, essa magia de alma e de inteligência excita invejas tanto mais terríveis, ódios tanto mais violentos, quanto mais ela for inatacável. O império de Pitágoras durava já um quarto de século. E o adepto infatigável atingia a idade dos noventa anos, quando veio a reação.

Há uma guerra contra a cidade vizinha Síbaris e Crotona vence. No bojo de sua vitória, o povo inflamado destituiu o conselho dos mil e suprimiu o conselho dos trezentos.

GI: Toda vingança, seja de indivíduos, seja de povos, provoca um choque em resposta às paixões desencadeadas. A Nêmesis desta foi terrível. As conseqüências recaíram sobre Pitágoras, e toda a sua ordem.

GI: Um certo Cílon tinha-se candidatado outrora à Escola. Pitágoras, bastante severo na admissão dos discípulos, recusou-o por causa de seu caráter violento e voluntarioso. O candidato recusado tornou-se um adversário rancoroso. Quando a opinião pública começou a voltar-se contra Pitágoras, aquele organizou um grupo de oposição aos pitagóricos, uma grande sociedade popular.

GI: A multidão furiosa ateou fogo ao edifício. Trinta e oito pitagóricos, os primeiros discípulos do mestre, a nata da ordem, e o próprio Pitágoras pereceram; alguns nas chamas do incêndio, outros mortos pelo povo. Arquipo e Lísis foram os únicos que escaparam ao massacre.

GI: Assim morreu aquele grande sábio, aquele homem divino, que tentara aplicar sua sabedoria ao governo dos homens.

GI: As cidades da Itália expulsaram os infelizes discípulos do mestre. A ordem foi dispersa, mas seus remanescentes espalharam-se pela Sicília e pela Grécia, semeando por toda parte a palavra do mestre. Lísis tornou-se o mestre de Epaminondas

GI: Uma comovente fraternidade nunca deixou de uni-los; consideravam-se uma mesma e única família.

GI: Certo dia, um deles, na miséria e doente, foi recolhido por um estalajadeiro. Antes de morrer, desenhou na porta da casa alguns sinais misteriosos e disse ao hospedeiro: "Fica tranqüilo. Um de meus irmãos pagará minha dívida". Um ano depois, passando pelo mesmo albergue, um estrangeiro viu os sinais e disse ao hospedeiro: "Eu sou pitagórico. Um de meus irmãos morreu aqui. Dize-me o quanto devo por ele".

GI: A ordem sobreviveu durante duzentos e cinqüenta anos. Quanto às idéias, às tradições do mestre, elas vivem até nossos dias. A influência regeneradora de Pitágoras sobre a Grécia foi imensa, exercendo-se misteriosa mas seguramente, em todos os templos por onde ele passara.

GI: Vimo-lo em Delfos dar nova força à ciência divinatória, reafirmar a autoridade dos sacerdotes e formar uma pitonisa-modelo.

GI: Graças a essa reforma interior que despertou o entusiasmo no próprio coração dos santuários e na alma dos iniciados, Delfos tornou-se mais do que nunca o centro moral da Grécia. Isso se comprovou durante as guerras médicas.

GI: Trinta anos apenas tinham decorrido desde a morte de Pitágoras quando o ciclone da Ásia, predito pelo sábio de Samos, veio estourar sobre as costas da Hélade. Nessa luta épica da Europa contra a Ásia bárbara, a Grécia, que representa a liberdade e a civilização, tem à sua retaguarda a ciência e o gênio de Apolo. É ele que, com seu sopro patriótico e religioso, agita e faz calar a rivalidade nascente entre Esparta e Atenas.

GI: Na verdade, este edifício jamais foi destruído. Platão, que tomou a Pitágoras toda sua metafísica, teve dele uma idéia global, embora a tivesse exposto com menos rigor e nitidez.

GI: A ciência moderna tomou-lhe o rés-do-chão e consolidou-lhe os fundamentos. Numerosas escolas filosóficas, seitas místicas ou religiosas habitaram diversos de seus compartimentos. Mas nenhuma

filosofia jamais abrangeu o seu conjunto. É este conjunto que nos propusemos reencontrar aqui, em sua harmonia e unidade.

EE, XX, 211 – “Quando a CIÊNCIA cresce, desconhecendo ou negando a importância da MORAL, é como quando se rompem as rédeas e o cavaleiro fica sendo menos do que o cavalo. E, para isso acontecer, basta que se chame à REVELAÇÃO coisa de Belzebu, precisamente o que fez a Besta do Apocalipse, desde que se levantou sobre a cidade dos sete montes. Crescer em AMOR é avançar para a CIÊNCIA ABSOLUTA”.

Versos de Ouro de Pitágoras¹²

PREPARAÇÃO

- 1 - Aos Deuses imortais o culto consagrado
- 2 - Rende; e tua fé conserva. Prestigia
- 3 - Dos sublimes Heróis a imárcida lembrança
- 4 - E a memória etereal dos supernos Espíritos.

PURIFICAÇÃO

- 5 - Bom filho, reto irmão, terno esposo e bom pai
- 6 - Sê; e para amigo o amigo da virtude
- 7 - Escolhe, e cede sempre a seus dóceis conselhos;
- 8 - Segue de sua vida os trâmites serenos;
- 9 - Sê sincero e bondoso, e não o deixes nunca,
- 10 - Se possível te for; pois uma lei severa
- 11 - Agrilhoa o Poder junto à Necessidade.
- 12 - Está em tuas mãos combater e vencer
- 13 - Tuas loucas paixões; aprende a dominá-las.
- 14 - Sê sóbrio, ativo e casto; as cóleras evita.
- 15 - Em público, ou só, não te permitas nunca
- 16 - O mal; e mais que tudo a ti mesmo respeita-te.
- 17 - Pensa antes de falar, pensa antes de agir;
- 18 - Sê justo. Rememora: um poder invencível
- 19 - Ordena de morrer; e os bens e as honrarias,
- 20 - Fáceis de adquirir, são fáceis de perder.
- 21 - Quanto aos males fatais que o destino acarreta,
- 22 - Julga-os pelo que são: suporta-os, procura,
- 23 - Quão possível te seja, o rigor abrandar-lhes.
- 24 - Os Deuses, aos mais cruéis, não entregam os sábios.
- 25 - Como a Verdade, o Erro adoradores conta.
- 26 - O filósofo aprova, ou adverte com calma.
- 27 - E, se o Erro triunfa, ele se afasta, e espera.
- 28 - Ouve, e no coração grava as minhas palavras;
- 29 - Fecha os olhos e o ouvido a toda prevenção;
- 30 - Teme o exemplo de um outro, e pensa por ti mesmo;
- 31 - Consulta, delibera e escolhe livremente.
- 32 - Deixa aos loucos o agir sem um fim e sem causa;
- 33 - Tu deves contemplar no presente o futuro.
- 34 - Não pretendas fazer aquilo que não saibas.
- 35 - Aprende: tudo cede à constância e ao tempo.
- 36 - Cuida em tua saúde, e ministra com método,
- 37 - Alimentos ao corpo e repouso ao espírito.
- 38 - Pouco ou muito cuidar evita sempre; o zelo
- 39 - Iguamente se prende a um e a outro excesso.
- 40 - Têm o luxo e a avareza efeitos semelhantes.
- 41 - Deves buscar em tudo o meio justo e bom.

¹² Tradução do texto francês de Fabre d'Olivet, por Dario Vellozo

PERFEIÇÃO

- 42 - Que se não passe um dia, amigo, sem buscares
43 - Saber: Que fiz eu hoje? E, hoje, que olvidei?
44 - Se foi o mal, abstém-te; e, se o bem, persevera.
45 - Meus conselhos medita; e os estima; e os pratica:
46 - E te conduzirão às divinas virtudes.
47 - Por esse que gravou em nossos corações
48 - A Tétrade sagrada, imenso e puro símbolo,
49 - Fonte da Natureza, e modelo dos Deuses,
50 - Juro. Antes, porém, que a tua alma, fiel
51 - A seu dever, invoque, e com fervor, os Deuses,
52 - Cujo socorro imenso, valioso e forte
53 - Te fará concluir as obras começadas,
54 - Segue-lhes o ensino, e não te iludirás:
55 - Dos seres sondarás a mais estranha essência;
56 - Conhecerás de tudo o princípio e o termo.
57 - E, se o Céu permitir, saberás que a Natura,
58 - Em tudo semelhante, é a mesma em toda parte.
59 - Conhecedor assim de todos teus direitos,
60 - Terás o coração livre de vãos desejos.
61 - E saberás que o mal que aos homens cilicia,
62 - De seu querer é fruto; e que esses infelizes
63 - Procuram longe os bens cuja fonte em si trazem.
64 - Seres que saibam ser ditosos, são mui raros.
65 - Joguetes das paixões, oscilando nas vagas,
66 - Rolam, cegos, num mar sem bordas e sem termo,
67 - Sem poder resistir nem ceder à tormenta.
68 - Salvai-os, grande Zeus, abrindo-lhes os olhos! ...
69 - Mas, não: aos Homens cabe, - eles, raça divina -,
70 - O erro discernir, e saber a Verdade.
71 - A Natureza os serve. E tu que a penetraste,
72 - Homem sábio e ditoso, a paz seja contigo!
73 - Observa minhas leis, abstém-te das coisas
74 - Que tua alma receie, em distinguindo-as bem;
75 - Sobre teu corpo reine e brilhe a Inteligência,
76 - Para que, te ascendendo ao Eiter fulgurante,
77 - Mesmo entre os Imortais consigas ser um Deus!